

# HISTÓRIAS DE VIDA E VIDA NAS HISTÓRIAS: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA DOS PARTICIPANTES DA UNATI – UESC

Arlete Vieira da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é o resgate de uma atividade realizada com o grupo de participantes da Universidade Aberta da Terceira Idade – UNATI, numa proposta de interação com o Programa de Incentivo à Leitura – PROLER. Na realização de uma oficina de leitura, a atividade encaminhou-se para uma significativa reciprocidade entre as participantes e a ministrante, na tentativa de que as memórias textuais vividas se transformassem, ao mesmo tempo, em conteúdo da oficina e técnica da referida dinâmica. Com a mediação da ministrante os diferentes gêneros textuais foram contemplados, possibilitando que as vivências das participantes fossem socializadas através das memórias desses gêneros apresentados. Para tanto, foram utilizadas as temáticas de histórias de amor, de assombração, as quadrinhas, as lendas, as cantigas de ninar, as músicas de roda, as fábulas e os contos.

**Palavras-chaves:** Memória de idosos. Contação de histórias. UNATI/UESC.

**Abstract:** This article is the rescue of an activity performed with the group of participants of the Open University of the Third Age - UNATI a proposed interaction with the Reading Incentive Program (PROLER). In conducting a workshop reading activity headed for a significant reciprocity between the lecturer and the participants in that attempt, textual vivid memories transform themselves while the workshop content and technique of that dynamic. With the mediation of ministering the different text genres were contemplated allowing the experiences of the participants were socialized in the memories of those genres presented. Therefore, we used the themes of love stories of haunting, the popular verses, the legends, the lullabies, the songs wheel, fables and tales.

**Keywords:** Memory seniors. Story telling. UNATI/UESC.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente do Departamento de Letras e Artes – DLA/UESC.

## Introdução e objetivos

A oficina de leitura foi realizada com as participantes da UNATI tendo a mediação de uma oficinaira do PROLER. Além da interação entre os dois programas de extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), há a *praxe* de socialização e participação de professores, servidores e demais membros da comunidade em atividades promovidas pela UNATI.

A UNATI, ao contrário das graduações formais, oferece cursos livres que são formatados para atender às necessidades de um público que não tem mais como foco o mercado de trabalho, embora, em alguns casos, até abra portas para novos rumos profissionais. Objetiva oferecer oportunidades de construção e aquisição de novos conhecimentos ao segmento maior de 50 anos e a melhoria da qualidade de vida através dos recursos educacionais e socioculturais existentes na UESC. Também estimula e articula o exercício intelectual e reflexivo com diferentes atividades como elementos geradores e facilitadores de emoção e prazer de viver positivamente a velhice, levando o idoso a conhecer e refletir sobre o próprio processo de envelhecimento, além de criar um espaço de convivência intergeracional, buscando diminuir a segregação entre jovens e idosos, bem como a promoção do desenvolvimento e ampliação do conhecimento gerontológico em bases educativas (ALVES, 2008).

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, órgão do Ministério da Cultura, tem sua sede na Casa de Leitura, situada no bairro de Laranjeiras, Rio de Janeiro. O PROLER/UESC foi instituído em 1996, quando foi firmado o convênio da UESC com a Casa da Leitura, sede do Programa Nacional. Muitas ações de incentivo e divulgação da leitura marcam o percurso do PROLER/UESC na região.

Atualmente, o objetivo principal é a articulação entre parcerias e formar mediadores de leitura, paralelamente a projetos de ação imediata,

despertando leitores supostamente adormecidos e incentivando leitores a experiências diversas e enriquecedoras com o ato de ler.

Na universidade há uma busca frequente de interação entre esses programas mencionados, o que já tem sido concretamente conquistado em nível de oficinas de leitura, cursos de leitura e produção textual e contação de histórias.

## Metodologia

O trabalho com histórias de vida como estratégia metodológica tem sido comprovadamente motivador e interessante dado o aumento significativo de pesquisas e propostas extensionistas de nível acadêmico. Destaque para a valorização da memória dos idosos a partir de suas leituras e histórias, ouvidas e contadas, e seu valor enquanto fonte de elaboração de projetos de pesquisa e de extensão.

Partindo do pressuposto de que a lembrança é a sobrevivência do passado (BOSI, 1995), são resgatas histórias contadas como marco presencial de vida, que caracterizam a história de cada participante, ou seja, no ato de recontar as histórias vividas na infância traz-se à tona a vida de quem as viveu. Nelas, na vida e nas histórias, as lembranças de um passado que se mantém vivo.

Quando a apresentação de memórias é provocada, tanto em experiências individuais como em coletivas, cumpre seu objetivo de conhecer, aprender, guardar, recordar e revitalizar o vivido. Segundo as indicações de Halbwachs (1990), para o trabalho com memórias coletivas há uma “operação” por parte do sujeito que, inserido em um grupo social, permite dar vitalidade às lembranças. As considerações deste autor acerca do trabalho com memórias coletivas baseiam-se no princípio de que cada um de nós, com efeito, é membro, ao mesmo tempo, de vários grupos, maiores ou menores. Este grupo pode não mais estar presente, mas vai restar dele a possibilidade de se entrar em contato com os pensamentos e experiências

das pessoas que o partilhavam entre si. Existe, portanto, um laço afetivo que liga este indivíduo a este grupo.

Ao propor exercícios que envolvam a memória, temos o reconhecimento e a reconstrução como partes deste trabalho, pois há, nas etapas desenvolvidas, a atualização dos quadros sociais nos quais as lembranças permanecem e articulam-se entre si. Assim sendo, a memória é trabalho de reconhecimento no sentido de que nos remete ao sentimento daquilo que já foi visto (BOSI, 1995), como algo que não é inteiramente novo na experiência do sujeito. É trabalho de reconstrução porque não repete o que foi evocado do passado, mas sim ressignificando, no quadro social atual, aquilo que foi acolhido no passado.

Cria-se uma espécie de ligação entre a memória e o ato de narrar – a forma e o conteúdo. Esta ligação encontra-se no fato de que, ao narrar, o sujeito fala de sua experiência e também da experiência de vários outros que estão presentes no seu quadro de referência. A narrativa é, portanto, também coletiva, conforme assinalam Mahfoud e Schmidt (1993). Para esses autores, a observação do caráter plural da narrativa abre a possibilidade de escutar um depoimento pessoal como “orquestração de vozes coletivas, colocadas em cena por quem narra” (MAHFOUD; SCHMIDT, 1993).

Outro aspecto que cabe ser colocado no trabalho de memórias em grupo é a reciprocidade, que é latente, tanto no ato de lembrar como no conteúdo do que é narrado através das lembranças. Há uma significativa confiança entre eles quanto à fidelidade dos fatos que são revelados.

Para os organizadores deste tipo de atividade, fica a lição de que a confiança nos mais velhos, e o fato de reconhecê-los como fonte de memória, significam cuidar da própria história do grupo e, por extensão, da comunidade, da sociedade em geral. Segundo Silva Júnior (2006), não se trata somente de guardar os casos que estão na memória e que são narrados, mas também de afirmar a importância daqueles que realizaram a experiência e depois a comunicaram.

Pode-se concluir que as categorias memória e lembrança apareceram submissas em um processo de definição de identidades, de afirmação do sujeito, de permanência de valores e de representações do mundo vivido.

Escutar memórias e reviver lembranças foram o fio condutor desta atividade que provocou e concretizou significativamente a interação entre dois programas de extensão da UESC – o PROLER e a UNATI.

## **Análise e discussão dos resultados**

Como uma atividade de extensão, a proposta partiu da possibilidade de interagir com os idosos participantes da UNATI com a oficina de contação de histórias do PROLER. Para a organizadora da atividade, a essência da contação de histórias nesse grupo estava mais em escutar suas histórias do que oportunizar ouvi-las.

A oficina de literatura oral partiu do encaminhamento de, inicialmente, reunir o grupo em grupos menores e com uma divisão de temáticas diferentes. Cada grupo recebeu uma temática descrita em uma ficha secreta e no movimento de lembrar organizou a apresentação, para a plenária, de sua história. Este movimento foi muito significativo e recheado de muita alegria, pois houve identificação de algumas histórias muito parecidas, porém com variáveis na forma de conduzir o “texto” ou no conteúdo das mesmas. As temáticas eram em torno de gêneros textuais como as cantigas de ninar, as músicas de roda, as histórias de assombração, as fábulas, os contos, as histórias de casamento e de viuvez, as lendas e os versos na forma de quadrinhas.

Abaixo estão descritos e citados alguns exemplos de memórias textuais apresentadas pelas participantes e socializadas em plenária:

### **a) Histórias de assombração**

Um dia, pela madrugada, meu irmão se acordou e viu um vulto preto na cozinha. Era bem próximo, mais ou menos 4 metros de onde

todos dormiam. Então uma pantera totalmente escura, mais escura que a própria escuridão da noite (não havia nenhuma luz acesa) apareceu para meu irmão. Meu irmão pegou um tamanco, e jogou com todas as forças na pantera. Não sei como, nem ele, o tamanco pegou na cara de meu pai que se acordou na mesma hora, e a pantera pulou para a parede e sumiu. Nesse tempo, toda noite acontecia algo. Estava começando a tomar conta do dia também.

Meu irmão via o fogo acender sozinho, sentia alguém pegando em seu pé direito. Via cabeças decepadas voando pela sala, bebês esmagados por um moedor de carne, pernas ensanguentadas andando... Cada coisa... Chamamos um Padre, e ele benzeu a casa. Tudo diminuiu, parou uns 5 dias. Depois voltou, com a mesma força. Falamos com a dona da casa, ela resolveu contar tudo. A casa estava construída onde antigamente era um cemitério. Mas não se sabe se é por isso que aconteciam as coisas.

#### b) **Histórias de amor**

Pegava o ônibus todos os dias, no mesmo horário, para ir ao trabalho.

Ao passar pela roleta, no primeiro banco, um moço bonito, loiro, de olhos azuis, olhava para mim sorrindo. Tímido, foi se achegando aos poucos. Já não sentava certinho, ocupava agora os dois lugares, ficando meio atravessado nos bancos, impedindo assim que outros sentassem. Além do sorriso encantador, também me era oferecido um lugar para sentar.

Certo dia, precisamente num domingo, minha irmã convidou seu catequista para almoçar. Ajudei-a nos preparativos e combinamos sair à tarde para dançar. Qual não foi minha surpresa quando minha irmã apresentou seu convidado. Era “o moço do ônibus”.

Entre surpresos e admirados, ficamos nos olhando com cara de abobados. Depois das apresentações, já refeitos do susto, seguiu-se um almoço agradável.

Mais tarde no salão dancei com vários rapazes.

Com “o moço do ônibus” dancei uma só marca. Lembro-me, até hoje, de seu jeito tímido e desajeitado convidando-me para dançar. A música que tocava nada romântica era de Sílvio Brito, cujo título, se não me falha a memória, era “Farofa-fá”. Encontramo-nos no outro final de semana, no baile dos “calouros”.

Agora, sim, dançamos bem juntinhos, ou melhor, agarradinhos, até o amanhecer.

#### c) **Cantigas de ninar**

##### **Nana Neném**

Nana neném  
que a cuca vem pegar  
papai foi pra roça  
mamãe foi trabalhar  
Desce gatinho  
De cima do telhado  
Pra ver se a criança  
Dorme um sono sossegado.

#### d) **As músicas de roda**

##### **Capelinha de melão**

Capelinha de melão  
É de São João  
É de cravo, é de rosa,  
É de manjeriço  
São João está dormindo  
Não acorda, não  
Acordai, acordai,  
Acordai, João!

##### **Caranguejo**

Caranguejo não é peixe  
Caranguejo peixe é  
Caranguejo não é peixe  
Na vazante da maré.  
Palma, palma, palma,  
Pé, pé, pé  
Caranguejo só é peixe, na vazante da maré!

#### e) **Versos na forma de quadrinhas**

##### **Batatinha...**

Batatinha quando nasce  
Esparrama pelo chão

A menina que namora  
Põe a mão no coração.

#### **O cravo e a rosa**

O cravo brigou com a rosa  
Debaixo de uma ramada  
O cravo ficou ferido  
E a rosa despedaçada.

Destaque-se que, ao ser apresentada cada história pelos grupos na forma de conto, música e/ou dramatização, havia uma interrupção gratuita e alegre pela identificação das mesmas e pela forma como eram narradas. Não há como negar um movimento de vida, nas histórias, pelo que foi vivido na oficina e o quanto se sentiram valorizadas por poderem ser ouvidas e ouvir as suas histórias. Houve uma reciprocidade gratuita e determinante para o processo de socialização do grupo.

#### **Considerações finais**

Não podemos negar o quanto foi e ainda é significativo para algumas famílias ouvir as histórias contadas pelos avós e ou parentes mais velhos. Uma proposta coletiva de contação de histórias e resgate daquelas histórias vividas traduziu um momento diferenciado para o grupo pela presença de outras e/ou mesmas histórias, e principalmente o socializar as suas emoções e suas vivências. Ecléa Bosi (1995) apresenta a possibilidade desse lado emocional justificando que uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiar, escolar, profissional. Essas memórias entretêm e des- contraem, pois acrescentam, unificam, diferenciam, corrigem e passam a limpo o vivido.

O fato de haver identificação das mesmas histórias, mas com diferentes variáveis quanto aos seus conteúdos, por exemplo, vem mostrar o quanto estas histórias eram contadas também para ensinar valores e aspectos morais da sociedade. Esta é uma característica da forma e

do propósito das atividades de contação de histórias, tanto na escola com nas casas de família, nas igrejas e em diferentes espaços.

A experiência nessa atividade, que envolve memória e contação de histórias, denominada histórias de vida e vida nas histórias, pôde comprovar que a interação entre os programas de extensão deve acontecer e que esta se constitui muito mais que um momento de interação entre programas extensionistas, mas a superação da possível fragmentação entre o ensino, a extensão e a pesquisa que gera, como na produção deste artigo, a construção de conhecimento, neste caso sobre memória e leitura.

#### **Referências**

- ALVES, C. Entrevista. **Jornal da UESC**, Ilhéus, n. 35, p. 3, 2008.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: Editora dos Tribunais, 1990.
- MAHFOUD, M.; SCHMIDT, M. L. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n.1-2, p. 285-298, 1993.
- SILVA JÚNIOR, P. R.; MAHFOUD, M. Tradição e oralidade: contos, histórias e lendas na comunidade rural de Morro Vermelho. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS; ENCONTRO DE FENOMENOLOGIA E ANÁLISE DOS EXISTIR, 5., 2006. **Anais...** São Bernardo do Campo: SP&EQ: UMESP, 2006.

